

# ÍNDICE

Apresentação.....	9
1 Introdução.....	13
2 O contexto em que os ciclos foram “gestados”.....	24
2.1 O processo de implantação da estrutura curricular em ciclos, na rede de ensino do município de São Paulo, no período de 1989 a 1992.....	26
2.2 Os ciclos.....	32
2.3 Os ciclos e uma nova concepção.....	37
2.4 Os ciclos e as jornadas de trabalho docente.....	40
2.5 Ciclos: adesões e resistências.....	41
3 Os ciclos e as Psicologias do Desenvolvimento e da Aprendizagem.....	44
3.1 Princípios políticos subjacentes à estrutura curricular em ciclos da rede de ensino do município de São Paulo, no período de 1989 a 1992.....	49
4 O cotidiano em uma escola de ensino fundamental.....	60
4.1 A escola: mudança e desafio.....	63
4.2 A nossa avaliação: iniciar um novo ano ou permanecer no mesmo ciclo?.....	68
4.3 Um novo momento: a utopia.....	75
5 A descontinuidade da política (93-97).....	77

5.1 Ciclos: um alibi.....	86
5.2 As representações sobre os ciclos.....	91
6 À guisa de conclusão: a utopia da escola democrática.....	96
6.1 Escola aberta à participação.....	100
6.2 O gestor.....	103
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>107</b>

## Apresentação

O livro de Isabel Cristina Nache Borges, resultante de sua Dissertação de Mestrado, focaliza um tema atual e relevante para os educadores que estão comprometidos com o ideal da escola democrática.

Embora a distância entre os valores democráticos e a prática escolar ainda seja grande, trabalhos como este, desenvolvidos no Brasil e em outras partes do mundo, permitem descobrir caminhos que fortalecem o desejo e o gosto de lutar pela escola pública democrática.

É ingênuo e equivocado pensar que as iniciativas para a mudança da escola na direção de um currículo democrático possam ser concretizadas por força exclusiva de contundentes e calorosas declarações de intenções, ainda, pelo uso de artifícios legais por parte dos dirigentes da educação.

A democratização da escola "não se faz por decreto, da terça para a quarta-feira", como dizia Paulo Freire, acrescentando que mudar é difícil, mas é possível e urgente. Isto significa que a democratização da escola é uma conquista exigente que requer decisão política e um "que fazer" cotidiano, que se dá numa arena de conflitos onde convivem possibilidades e resistências.

Os estudos sobre a introdução de inovações curriculares na perspectiva democrática têm demonstrado que, além de trabalhar com a formação do educador, no sentido de conquistar a sua adesão e desenvolver a sua competência, é necessário ousar no que diz respeito à organização e funcionamento da escola. Os esforços para alterar aspectos pontualizados, porém periféricos da organização e funcionamento escolares, tais como disciplinas, carga horária, critérios, escalas e tipos de avaliação, têm se mostrado insatisfatórios.

Tais alterações têm se mostrado insuficientes porque não atuam com radicalidade na chamada "gramática da escola", ou seja, sobre a estrutura curricular rígida, inoperante e excludente de nossas escolas. A rede municipal de ensino da cidade de São Paulo foi pioneira no sentido de apresentar uma proposta de alteração da estrutura curricular, numa

estrutura de ciclos para todo o ensino fundamental. No período de 1989-1992, na gestão dos secretários Paulo Freire/Mário Sérgio Cortella, discutiu-se e implantou-se a referida estrutura.

O trabalho da autora, neste livro, analisa esta nova estrutura curricular do município de São Paulo, apresenta o contexto em que os ciclos foram "gestados", os fundamentos psicológicos e políticos subjacentes aos mesmos e discute o processo de implantação. Com grande curiosidade, preocupa-se, também, em pesquisar o que ocorreu com a nova estrutura curricular no período seguinte àquele em que os ciclos passaram a figurar no regimento das escolas públicas municipais (1993-1997).

A abordagem qualitativa de pesquisa, de tipo etnográfico, mostrou-se apropriada pela possibilidade de concentrar-se na análise detalhada do cotidiano da escola. Os procedimentos de investigação incluíram a observação participante, entrevistas e análise de documentos. A análise documental, bem como as entrevistas com os gestores do período em que os ciclos foram implantados, trouxeram informações importantes para compreender o "dito e o feito" em relação aos ciclos. O levantamento do contexto sócio-político foi um contorno importante para compreender a intenção dos gestores ao propor a estrutura curricular em ciclos. Na unidade escolar, as entrevistas com professores, pais, alunos e a análise dos livros de registro das reuniões Pedagógicas, Administrativas e de Conselho de Escola permitiram resgatar as discussões sobre a proposta de ciclos na escola.

A condição de ter sido protagonista deste processo, assumindo papéis complementares de professora e, posteriormente, de coordenadora pedagógica em escolas da rede de ensino do município de São Paulo, permitiu-lhe olhar o cotidiano de uma escola de ensino fundamental" pelo lado de dentro" e de uma forma muito viva, o que a faz descrever o cotidiano escolar com muito realismo.

Os momentos de entrada e saída de alunos e professores, os horários de recreio, as aulas, as reuniões pedagógicas e aquelas de pais e mestres, assim como as festividades, foram situações importantes e críticas onde a autora procurou as marcas de permanência da estrutura em ciclos, suas transformações e as representações dos professores sobre os

mesmos, no período 1995 - 1997.

As relações interpessoais, os tipos de controle exercidos na escola, os critérios de avaliação e as formas de agrupamento dos alunos não escaparam ao necessário crivo para quem analisa uma estrutura curricular.

Este trabalho suscita um interesse especial por ter sido a proposta de ciclos do município de São Paulo um caso emblemático e fonte inspiradora que inspirou tantas outras redes públicas de ensino que, a partir de então, passaram a criar e experimentar novas propostas.

Aqueles que estão interessados na democratização da escola e ousam flexibilizar a estrutura curricular, proposta hoje incentivada pela nova LDB, certamente encontrarão neste trabalho pontos de reflexão sobre a dialética da resistência e da possibilidade na implantação dos ciclos, o que certamente subsidia a tomada de decisão e a prática que levam a exorcizar o autoritarismo determinado pela estrutura curricular seriada.

**Ana Maria Saul**  
**Professora da Pós-Graduação em Educação (Currículo)**  
**PUC-SP**